

FACULDADE CATÓLICA DE ANÁPOLIS
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM FILOSOFIA CLÍNICA

Josefina Antunes de Andrade

REFLEXÕES SOBRE O CONCEITO DE MENTE E A FILOSOFIA CLÍNICA

Anápolis-Go
Maio de 2016

JOSEFINA ANTUNES DE ANDRADE

REFLEXÕES SOBRE O CONCEITO DE MENTE E A FILOSOFIA CLÍNICA

Trabalho apresentado à direção da Faculdade Católica de Anápolis como pré-requisito para a obtenção do título de especialista em Filosofia Clínica.

Anápolis-GO
Maio de 2016

JOSEFINA ANTUNES DE ANDRADE

REFLEXÕES SOBRE O CONCEITO DE MENTE E A FILOSOFIA CLÍNICA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado a Faculdade Católica de Anápolis como pré-requisita para a obtenção do título de especialista em Filosofia Clínica Sob a orientação do Professor Me. Diogo Jansen Ribeiro.

Anápolis, ____ de _____ 2016

BANCA EXAMINADORA

Orientador

Profº. Me. Diogo Jansen Ribeiro

Avaliadora

Profª. Esp. Aracelly Rodrigues Loures Rangel

Avaliador

Profº. Drº. Lúcio Packter

REFLEXÕES SOBRE O CONCEITO DE MENTE E A FILOSOFIA CLÍNICA

Josefina Antunes de Andrade¹

Orientador Prof. Me. Diogo Jansen Ribeiro²

RESUMO

Na modernidade, sec. XVII, Descartes acreditava que a mente humana era uma realidade pensante totalmente distinta do corpo. A visão cartesiana suscitou vários problemas que ganharam respostas com a Neurociência. As teorias materialistas, fundamentadas na ciência do cérebro, buscaram argumentos para identificar a mente com o cérebro ou reduzir e mesmo eliminar o jargão mental. No século XX um ponto de vista de interface entre o dualismo de substância e o materialismo foi o dualismo de propriedades. Para esses intermediários a mente emerge do cérebro, mas não se reduz a ele. Entendendo a inteligência como processo sintático, a Inteligência Artificial entendia a mente como um *software* (programa) que se servia de um *hardware* (computador). A posição funcionalista demonstrou-se insustentável porque a linguagem humana é semântica e não sintática. Já os conexionistas, ainda na visão da Inteligência Artificial, buscavam em redes artificiais reproduzir as conexões interneurais com o intuito de reproduzir a mente humana. Mas o grande empecilho foi reproduzir imagens mentais. Obstáculo que tentou ser superado pela robótica. Construíram robôs com o intuito de simular o comportamento humano. Hodiernamente a tentativa é da união entre o homem e a máquina. A filosofia Clínica pode servir-se desses estudos sobre a mente humana na própria compreensão das dificuldades que envolvem a pessoa humana.

Palavras chaves: Dualismo de Substância, Dualismo de Propriedade, Materialismo, mente e Inteligência Artificial.

INTRODUÇÃO

Entender a mente humana é uma questão que exige estudo. E, às vezes, mesmo diante anos e mais anos de estudo a mente apresenta-se como uma realidade complexa. Neste estudo, apresentar-se-á algumas teorias sobre a mente humana. As teorias dualistas de substâncias afirmam a existência de duas substâncias distintas no ser humano: um corpo e uma alma. São teorias insustentáveis nos dias de hoje por causa dos desenvolvimentos da Neurociência. A única forma de dualismo que encontra teóricos contemporaneamente é o de propriedades. Para esses teóricos, diferente dos de substância, a mente deriva do cérebro, mas não se reduz a este. Na pessoa existem qualidades fenomenais irreduzíveis à linguagem científica, como a consciência e os *qualias*.

¹ Bacharel em Sociologia – email: diogojansen@hotmail.com

² Mestre em Educação Linguagens e Tecnologias; pós-graduado em psicopedagogia e pesquisa e extensão; bacharel em História, teologia e licenciado em Pedagogia.

O materialismo é resultado direto da Neurociência. A ciência do cérebro desenvolveu técnicas que possibilitam observar o cérebro humano quando uma pessoa toma uma decisão emocional revelando aspectos da psicologia humana. Também ficou comprovada a relação vital do cérebro humano, sendo responsável por todos os movimentos do corpo e da mente. Os teóricos materialistas identificam a mente ao cérebro, eliminam o jargão mental ou reduzem a mente a uma base física. Este ponto de vista é bem aceito no meio filosófico e científico.

Além do dualismo e do materialismo surgiram teorias ligadas a Inteligência Artificial. Os funcionalistas, os conexionistas e a robótica pretendem reduzir a mente a um software ou reproduzir artificialmente as conexões interneurais do cérebro humano ou desenvolver robôs que simulem o comportamento humano e até mesmo unir o homem com a máquina em busca de desenvolver a consciência e a linguagem de forma semântica.

Certamente o estudo sobre a mente humana e o comportamento do ser humano passa pelo estudo da mente do homem numa visão filosófica e científica, pois é fato inquestionável a ligação vital do cérebro humano com todo o resto do corpo humano. Acredita-se neste trabalho que conhecer algumas dessas teorias é fundamental para o filósofo clínico que entrará em contato direto com a subjetividade da pessoa. Mesmo em nível de curiosidade, estudar o conceito de mente e como ele se configura na contemporaneidade, embora possa provocar alguns prejuízos, é interessante para perceber os limites dos estudos quando se trata do ser humano. Todo ser que se apresenta é resultado de uma vida guardada no íntimo, uma vida única e intransferível.

Espera-se que este trabalho de cunho bibliográfico sirva como fonte de reflexão para futuros estudos em Filosofia da mente e Filosofia clínica. São disciplinas que estão intimamente ligadas pelo objetivo de estudar a mente humana, o comportamento ou a pessoa que se apresenta. A Filosofia da mente pode contribuir com reflexões acerca da mente humana em ligação direta com a Neurociência e suas reflexões sobre o cérebro. A filosofia clínica pode servir-se dessas reflexões para entender os limites e direcionar o partilhante a outro profissional em casos de necessidades.

2 A ALMA HUMANA NA PERCEPÇÃO CARTESIANA: DUALISMO DE SUBSTÂNCIAS

René Descartes (1596-1650) foi geômetra, matemático, médico e filósofo. Inventou a geometria analítica, descobriu o comportamento reflexivo e afirmou que o pensamento ocorria no cérebro. Em relação à alma humana, seus trabalhos apontaram para um dualismo entre mente e corpo. Após o término dos estudos concluiu estar ciente da própria ignorância. Abandonou os livros do passado e mergulhou no grande livro do mundo a procura de um método adequado para conseguir chegar à verdade. Após a dúvida metódica³, o filósofo concluiu:

Enquanto queria assim pensar que tudo fosse falso, era preciso necessariamente que eu que o pensava fosse alguma coisa: e notando que essa verdade, *penso, logo sou*, era tão firme e tão segura, que todas as mais extravagantes suposições dos cétricos não eram capazes de abalá-la, julguei que podia aceita-la sem escrúpulos como o primeiro princípio da filosofia que buscava (DESCARTES 2008, p. 36).

A partir deste raciocínio, Descartes conclui a existência de duas realidades no ser do homem: uma pensante (*res cogitans*) e uma corpórea (*res extensa*). Analisando as conclusões do seu raciocínio, *Cartesio* afirma poder pensar não existir corpo ou realidade, mas nunca poderia pensar a não existência do “eu” utilizado para duvidar de tudo. Este “eu” de que fala *Cartesios* é a alma, realidade pensante: “a partir daí soube que eu era uma substancia de que toda a essência ou natureza não é senão pensar e que para ser precisa de nenhum lugar nem depende de nenhuma coisa material” (DESCARTES 2008, p. 36). Esta substancia é a alma. Para Descartes a alma é mais fácil de conhecer do que o corpo. Essa doutrina ficou conhecida como doutrina da acessibilidade direita.

Segundo o argumento do acesso privilegiado, minha sensação de ter uma dor de dente me dá um conhecimento direto e imediato de que há algo errado com algum dente meu. Um dentista pode tirar um raio-X da minha boca e descobrir que tenho uma cárie nesse dente. Mas isto não permite que o dentista saiba que estou sentindo dor, a não ser que ele me pergunte, pois é possível ter um dente cariado e, mesmo assim, não sentir dor por um bom tempo (TEIXEIRA, 2000, p. 34-5).

³ Dúvida metódica é o processo de se utilizar da dúvida como método para alcançar a verdade. Portanto, é diferente da dúvida cética.

Para saber o que passa na alma basta saber o que essa alma pensa, porém é mais difícil saber o que se passa no corpo. Isto porque a alma é inteiramente distinta do corpo. O corpo por ser material ocupa lugar no espaço, tem peso e é mensurável. A alma por ser espiritual não ocupa lugar no espaço, não tem peso e não é mensurável. Seria, no mínimo, engraçado uma pessoa perguntar a outra: quantos metros você está pensando? Agora é lógico uma pessoa perguntar a outra: qual é a sua altura? A alma humana e tudo o que acontece na mente humana são subjetivos, não ocupa lugar no espaço e não possui extensão. Com este argumento da acessibilidade direta, Descartes, excluiu do âmbito das ciências perscrutar a alma humana.

Para fundamentar a existência de uma alma, o filósofo afirma a existência de um Deus. Partindo da ideia de perfeição, não existente na realidade, afirma: “tratei de analisar de onde tinha aprendido a pensar em algo mais perfeito do que eu; e conheci com evidencia que deveria ser de alguma natureza que fosse, com efeito, mais perfeita” (DESCARTES 2008, p. 36). E essa natureza é Deus. Pela primeira máxima de sua moral provisória⁴ é fácil perceber entre as motivações para “provar” a existência de Deus o aspecto religioso de Descartes.

Também o filósofo reafirma a distinção da alma do corpo da seguinte forma: se alguém perdesse parte do corpo, em um acidente, por exemplo, deveria também perder parte da alma. Se alguém perde um dedo a sua alma continua normal. Acredita-se que Descartes não tenha presenciado o que acontece com alguém quando perde parte do cérebro ou sofre de alguma doença cerebral. É bom ter em mente que as reflexões cartesianas são do sec. XVII.

René Descartes foi uma personagem importantíssima para os estudos presentes da filosofia da mente, por exemplo, o dualismo entre mente e corpo proposto pelo filósofo foi propulsor para reflexões partindo dos estudos da neurociência. Se alma é corpo são inteiramente distintos, como é possível uma relação entre os dois?

Descartes em busca de resolver este problema criou o argumento da glândula pineal. Esta sendo movida pelo corpo moveria a alma. Mas sendo a glândula material como moveria a alma espiritual? Muitos teóricos criaram teorias

⁴ “Obedecer às leis e os costumes do meu país, guardando com firmeza a religião na qual Deus me fez a graça de ser instruído desde a infância...” (DESCARTES 2008, p. 29).

para solucionar este problema entre mente e corpo. Alguns, como Leibniz, sustentou uma harmonia preestabelecida entre mente e corpo. Malebranche teorizou a interferência divina na relação entre mente e corpo. Grande parte da Neurociência caminhou em direção ao monismo descartando a existência da alma.

Contudo, na linguagem religiosa ainda existe a separação entre mente e corpo. O corpo volta ao pó enquanto a alma é julgada para à eternidade. A medicina usa na linguagem argumentos que separam o corpo da alma. A robótica faz corpos robóticos com a existência de *software* que lhe garantem a “vida”. A linguagem cartesiana tem seu alicerce na filosofia platônica e estende-se na cultura Ocidental (TEIXEIRA 2008, p. 19).

René Descartes é herdeiro direto da percepção socrático-platônica de alma. A diferença é a ideia de reencarnação presente na perspectiva socrático-platônica. Platão afirmou bem antes de Descartes a existência de um dualismo entre mente e corpo. Toda a herança cartesiana descrita por Teixeira nada mais é que uma herança platônica de visão de realidade.

Para Platão a preocupação do verdadeiro filósofo é com a alma. *Sendo o filósofo* o amigo da sabedoria, e tendo que a sabedoria se alicerça na verdade e que a verdade está em contemplar a essência e não a aparência, o verdadeiro filósofo deseja a morte, pois acredita em bens maiores após a vida: “o homem cuja vida tenha sido dedicada à filosofia está cheio de uma legítima segurança no momento de morrer, pois espera encontrar bens grandíssimos depois da morte” (PLATÃO, 2011, p. 26). Na percepção do Fédon (2011, p. 23), o filósofo encontra bens grandíssimos depois de morto. Evidentemente é com a alma que ele desfruta desses bens. Por isso, o verdadeiro filósofo não tem medo da morte, mas deseja-a: “tenho a esperança de que depois da morte haja alguma coisa que (...) vale muito mais para os bons do que para os maus”. Por carregar essa “doce esperança”, relata Cebes, que Sócrates estava feliz no dia da morte “tanto no modo de comportar-se como na sua linguagem”.

Se existe uma vida após esse mundo, necessariamente a alma é imortal. Daí viver para a alma que é imortal e não para o corpo temporal. Fundamentado no argumento dos contrários, diz Sócrates, (2011, p. 36): segundo uma antiga tradição, no Hades “se encontra as almas que foram daqui, e que de novo, insisto, voltam para esse mundo e tornam a gerar, dos mortos, outros seres”. Entre os argumentos

contrários apresentados por Sócrates para confirmar esse argumento das almas, Cebes é forçado a afirmar que da morte provêm à vida e da vida a morte, pois como afirma Sócrates: “Se todas as coisas que participam da vida morressem e, uma vez mortas, conservassem tal estado e, não revivessem, não se tornaria, afinal, absolutamente necessário que tudo morresse e nada mais vivesse?” (PLATÃO, 2011, p. 39).

Para assegurar a imortalidade da alma, o filósofo discorre sobre o argumento da reminiscência. Segundo esse argumento conhecer é recordar e para recordar é necessário ter conhecido antes. O saber de reminiscência se produz sobre certas condições: “quando se vê ou se ouve alguma coisa, não é somente a coisa em questão que se conhece, mas se tem também a ideia de outra, e que não é o objeto do mesmo conhecimento, mas sim de outro” (PLATÃO 2011; p. 40-1).

Percebe-se que Descartes, assim como Platão, defende o dualismo de substâncias. Na perspectiva cartesiana na alma não há um processo de volta ou reminiscência, mas a tese central dos argumentos platônicos fica nítido no pensamento cartesiano, qual seja, o dualismo substancial.

3 DUALISMO DE PROPRIEDADES

Diferente do dualismo de substâncias, o dualismo de propriedades não afirma a distinção entre alma e corpo. Para esta corrente da filosofia da mente, os estados mentais são subjetivos e imperscrutáveis – são *qualias* – mas ocorrem em algum lugar do cérebro humano. Segundo Costa (2005, p. 8)

Eis uma classificação das várias espécies de estados mentais:

- 1) Sensações: dores, coceiras, cócegas, calafrios...
- 2) Percepções: ver, ouvir, tocar, cheirar...
- 3) Estados quase-perceptuais: sonhar, imaginar, alucinar...
- 4) Emoções: amor, ódio, medo, alegria, tristeza, inveja, pesar...
- 5) Cognições: crer, saber, entender, pensar, raciocinar, conceber...
- 6) Estados conativos: desejar querer, intencionar...

Os estados mentais são subjetivos. Só a pessoa que sente sabe a dor que sente. Só a pessoa que escuta ou deseja algo sabe como sente esses estados. Contudo, para o dualista de propriedade é “o próprio cérebro que produz a subjetividade e os estados subjetivos, mas estes nunca poderiam ser *integralmente* mapeados em relação a estados cerebrais” (TEIXEIRA, 2008, p. 33). A ciência não

consegue descrever em sua linguagem como a consciência acontece no cérebro humano. Nem mesmo uma pessoa consegue descrever com precisão como é estar consciente. E nada garante que estar consciente é igual para todos.

O dualismo de propriedades consolidou-se como uma alternativa entre o dualismo de substâncias, insustentável, e o materialismo. Diferente do dualismo de substâncias permite o estudo da mente humana reduzindo este estudo ao cérebro humano, sem necessariamente reduzir a mente ao cérebro. Os *qualias* e a consciência não são descritos em linguagem científica.

???

3. MATERIALISMO

As teorias materialistas estão fundamentadas nas descobertas da Neurociência das últimas duas décadas do século XX. O cérebro humano é responsável pelo bom andamento de todas as funções do corpo humano. As memórias, elaboração dos pensamentos e emoções, coordenações e todas as demais funções ligadas ao psiquismo estão relacionadas ao encéfalo. São mais de 100 bilhões de neurônios que conduzem os sinais pelo sistema nervoso. A célula base do sistema nervoso central é o neurônio. Esta célula é composta pelo corpo celular, dendritos, axônio e terminais axônicos onde ocorre a sinapse. A sinapse é a comunicação interneural, (GUYON, 1999, p. 99-101).

A parte ligada ao conhecimento como percepção, memória, imaginação e consciência estão ligados ao cérebro. Também a linguagem está diretamente ligada ao cérebro humano. Para realizar essas funções típicas do conhecimento, capta informações sensoriais vindas de todas as partes do corpo, desde os nervos periféricos aos órgãos dos sentidos, transformando essas informações em conhecimentos que, posteriormente, tornam-se conscientes.

Os materialistas reduzem a mente humana ao cérebro humano. Tudo que acontece a nível mental, para eles, está ligado diretamente a algum desarranjo no cérebro. Num futuro não muito distante a Neurociência permitirá descrever todos os estados mentais como estados cerebrais. Angústias, depressão, desespero, tristeza nada mais é do que reações a nível cerebral. Um medicamento poderá resolver todas as incertezas da “alma” humana.

O materialismo se configurou de algumas formas. A primeira linha do materialismo afirma que estados mentais podem ser idênticos a estados cerebrais.

Da mesma forma que água é H²O. As teorias reducionistas afirmam que estados mentais podem ser reduzidos a estados cerebrais. O reducionista parte da existência das atividades mentais afirmando a possível redução desses a estados cerebrais e o materialismo eliminativo retira todo o jargão mental das proposições da existência.

O materialismo se configurou de várias formas. As teorias apoiadas nas neurociências descreveram formas de reduzir à linguagem mental a linguagem física, mas a neurociência não é uma teoria da mente e sim uma descrição do cérebro. A mente humana não parece ser possível de descrição a nível totalmente físico. Não acredita-se em dualismo de substâncias, mas tornar a Neurociência a explicação única da mente parece leviano.

4. FUNCIONALISMO, CONEXIONISTAS E ROBÓTICA.

Os funcionalistas acreditam que a mente humana é irreduzível ao cérebro humano. Para eles a mente funciona como um *software* e o corpo como um *hardware*. Em última análise a mente poderia ser reproduzida num programa de computador. O pensamento é possível porque a mente humana manipula símbolos. Contudo, para alguns filósofos como Searle, a mente humana possui mais do que a capacidade de manipular símbolos, ela possui conteúdos semânticos.

A mera manipulação de símbolos formais não estabelece, por si só, a existência de conteúdos semânticos, nem é suficiente para garantir a presença de conteúdos semânticos. Não importa quão bem um sistema possa imitar o comportamento de um indivíduo que realmente compreende, nem tão complexa a manipulação de símbolos são. Você não pode extrair a semântica só a partir de processos sintáticos (SEARLE, 1998, p. 39).

Semântica, na linguagem é a capacidade que o signo linguístico tem de significar algo. “A tarefa que se impõe é representar o que ocorre na mente dos falantes quando entendem uma palavra ou um enunciado” (ABBAGNANO, 2007, p. 1031). Já a sintaxe é a “a ciência que estuda as formas gramaticais ou lógicas da linguagem, entendendo-se por formas as suas possibilidades de combinação” (ABBAGNANO, 2007, p. 1073). A semântica é a intencionalidade intrínseca na linguagem, a capacidade de designar algo distinto do signo; enquanto a sintaxe abstrai a semântica, é um jogo lógico da linguagem, indica seu valor.

Outra proposta ligada diretamente a Inteligência Artificial foi o conexionismo. Os conexionistas acreditam que a inteligência humana está ligada diretamente ao número de neurônios e conexões interneurais. A proposta é simular o cérebro para reproduzir a inteligência humana e a cognição. Com a construção de redes artificiais, que simulam a atividade cerebral, seria possível conexões que ligam os neurônios artificiais podendo excitá-los ou inibi-los. Contudo, a representação foi um empecilho para os conexionistas. Como desenvolver cérebros artificiais com imagens mentais?

No final dos anos de 1980 surgiu a robótica. O investimento foi na fabricação de robôs que simulassem os pensamentos e sentimentos humanos. Através da robótica foi possível desenvolver robôs que simulem emoções, comportamentos intencionais e usem a linguagem. Através de sensores eles podem detectar o quanto uma situação corriqueira é agradável ou desagradável. Robôs como as *Repliee* a certa distancias e por alguns segundos podem convencer que são humanos e não robôs (*Scientific Americam Brasil*, n. 25, p. 03).

Contudo, um dos grandes problemas da robótica foi a linguagem e sua característica semântica. O grande desafio hodierno da robótica é a parabióse. A junção do homem com as máquinas é uma forma de tentar superar as dificuldades existentes no desenvolvimento da inteligência artificial. Preveem a superação do homem através de sua mistura com as máquinas. O estudo da mente humana ganha escalas nunca antes pensadas na história da humanidade.

6 FILOSOFIA CLÍNICA

Dentro da filosofia a Filosofia Clínica é outra forma de pensar a mente humana. Segundo Packter (2008, p.13), “a primeira lição fundamental na Filosofia Clínica é que aquilo que uma pessoa sente, vive, afirma, imagina – isso é assim para ela⁵”. Independente se outra pessoa pense igual ou viva igual. O mundo do partilhante é a primeira ponte que liga o filósofo clínico ao outro. O filósofo clínico deve abster-se dos pré-juízos que porventura vier a carregar. O primeiro contato direto entre ambos é através da historicidade. É partindo da historicidade que será levantada toda a Estrutura de Pensamento do partilhante e suas possíveis

⁵ Este pressuposto também é afirmado pelo dualismo de propriedades – os *qualias*

interseções. Na clínica o partilhante “é a medida de todas as coisas”, como afirmara Protágoras.

Ayub, (2004; p. 29), atualiza o princípio de Protágoras ao de Representação de Schopenhauer: “o primeiro princípio no qual está fundamentada a Filosofia Clínica é o respeito à representação do partilhante”. A representação ou a forma como o partilhante observa e vive o mundo é o ponto de partida, mas não é a “verdade absoluta” da clínica. Se a clínica focasse única e exclusivamente na subjetividade, não haveria clínica. O mundo que o indivíduo vive é dele, mas o mundo vai além do mundo dele.

Segundo Mondin (1986, p. 155), o homem é um ser que carece da ajuda de outros para sobreviver. Desde os tempos mais remotos do aparecimento do homem sobre a terra “encontramos o homem sempre colocado em grupos sociais, inicialmente muito pequenos (a família, o clã, a tribo) e, depois, sempre maiores (a aldeia, a cidade, o estado)”. Portanto, em nível de sociabilidade, o mundo se expande para além de minha representação ou medida. Acredita-se que por isto Packter (2008, p. 16) concebe alusão a uma verdade convencionalizada, isto é, “estabelecida em conjunto por todas as pessoas”. Por mais que uma pessoa tenha verdades de cunho subjetivo, “isto não quer dizer que a pessoa tenha o direito de fazer o que lhe dá vontade sem ter que prestar contas por isso”. O homem é responsável pelos seus atos dentro da sociedade a qual faz parte.

Compreende-se do exposto que a filosofia clínica não corresponde ao arbítrio da subjetividade. Não se fundamenta única e exclusivamente no sujeito. Ela vai além da subjetividade, mesmo porque o partilhante não é um ser isolado no deserto, é um ser em sociedade⁶. Porém o contexto da subjetividade é indispensável para uma visão independente do que seja a pessoa.

Bem, quando o partilhante iniciar sua historicidade é, contudo, natural que o filósofo clínico associe o que está sendo dito com aquilo que carrega dentro de si: prejuízos, que serão ou não descartados ao andamento da clínica. O primeiro assunto é imediato. É o assunto que trouxe o partilhante a clínica. Este assunto passa a ser examinado na perspectiva dos exames categoriais. São cinco as categorias: assunto, circunstância, lugar, tempo e relação. As categorias são utilizadas na clínica com o objetivo de localizar existencialmente a pessoa: “através

⁶ A consciência coletiva tem forte apelo sobre a pessoa.

dos exames categoriais o filósofo saberá o idioma da pessoa, seus hábitos, sua época, a política e os dados sociais da localidade onde viveu, a geografia, o contexto religioso, histórico, entre outros aspectos que podem ter importância”. (PACKTER, 2008, p. 22). Isto é feito com um nexos temporal e com o mínimo de interferência possível, a fim de deixar o partilhante contar sua história segundo a própria interpretação que faz dela.

Depois de assinalada com competência o exame das categorias, o filósofo clínico passa ao exame da Estrutura de Pensamento e a relação entre os tópicos que compõe a Estrutura de Pensamento. São 30 tópicos considerados pelo filósofo clínico com suas possíveis relações e fazendo referências aos exames Categoriais e aos Submodos. “A estrutura de Pensamento é composta pelos elementos que constituem o ser humano, considerando desde sua visão de mundo, seu olhar sobre si mesmo, suas emoções, até as formas de expressão, papéis existenciais, espiritualidade, corporeidade etc”. (AYUB, 2010, p. 54). Segue os 30 tópicos: Como o mundo parece; O que acha de si mesmo; Sensorial e Abstrato; Emoções; Pré-juízos; Termos agendados no intelecto; Termos: Universal, Particular e Singular; Termos: Unívoco e Equívoco; Discurso completo e incompleto; Estruturação de Raciocínio; Busca; Paixões Dominantes; Comportamento e Função; Espacialidade, Inversão, Recíproca de Inversão, Deslocamento curto e Deslocamento longo; Semiose; Significado; Armadilha Conceitual; Axiologia; Tópicos de Singularidade Existencial; Epistemologia; Expressividade; Papel Existencial; Ação; Hipótese; Experimentação; Princípios de verdade; Análise da Estrutura; Interseções de Estrutura de Pensamento; Matemática Simbólica e Autogenia.

Compreender a Estrutura de Pensamento da pessoa é fundamental para o bom desenvolvimento da clínica. Um estudante que tem em foco a *Busca* conseguirá aprender melhor se o conteúdo fizer referências aos desejos intelectuais ou profissionais dele; Outro que tenha em foco o tópico *Emoções* aprenderá melhor quando o ensinamento tocar aos sentimentos; Um que tenha a *axiologia* quando trabalhar a questão dos valores e assim sucessivamente. Ter um bom estudo sobre a Estrutura de Pensamento é fundamental para compreender a interseção entre as Estruturas de Pensamento. Se a estudante gosta da escola (*Emoções*) mais detesta o professor (*Emoções*) terá uma interseção positiva como o ambiente escolar e

negativa com o professor. Talvez o melhor seja buscar outro professor ou outra escola.

Dentro da Estrutura de Pensamento a pessoa elabora modos de lidar com suas questões: os submodos. No decorrer da clínica o filósofo clínico deve conhecer todos os submodos do seu partilhante e as possíveis consequências, se negativas ou positivas, do uso dos submodos do partilhante. Packter descreve trinta e dois submodos: Em direção ao termo singular; em direção ao termo universal; em direção ao termo universal; em direção ao termo universal; esquema resolutivo; em direção ao desfecho; inversão; recíproca de inversão; divisão; argumentação derivada; atalhos etc. (AIUB 2010; p. 56-7). O filósofo clínico estudará a forma de atuação dos submodos do partilhante fazendo interferências quando necessário e se necessário.

Ao filósofo clínico o conhecimento das teorias sobre a mente humana é indispensável, pois ele trabalha com a mente humana. Qual é a relação do cérebro com a memória, a imaginação e todos os atos cognitivos do partilhante. Tudo que é dito parte de um ponto de referência em comum: da vida do partilhante. Entender o funcionamento do cérebro é indispensável até para futuras indicações a outros especialistas no caso da filosofia clínica não ser suficiente para ajudar a pessoa que está a procura de ajuda.

CONCLUSÃO

A posição cartesiana sobre a mente humana demonstrou-se insustentável com os desenvolvimentos da Ciência do cérebro. A mente humana, certamente, não é uma substância totalmente distinta e separada do corpo. A mente é parte do corpo enquanto é resultado das reações químicas e biológicas no cérebro. É fácil constatar que o cérebro humano ocasiona a mente, pois sem cérebro não existe a mente humana. Qualquer acontecimento que danifique o cérebro humano afeta diretamente a mente. Há uma relação intrínseca entre os dois o que descarta o dualismo de substâncias.

Simultaneamente, embora perceba-se claramente a relação entre o cérebro e a mente na linguagem científica não é possível reduzir a consciência e os estados subjetivos ao cérebro. A linguagem carece de explicações fisiológicas. Em razão desse entrave linguístico cria-se a sensação dualista, mas devida a relação inerente entre o cérebro e a mente o dualismo é rejeitado. O dualismo que se rejeita

é o de substâncias, mas o de propriedades tem seu lugar no meio teórico da filosofia da mente. Como descrever de forma puramente física a realidade subjetiva?

O materialismo reduz todas as atividades mentais a atividades cerebrais. Inclusive essa afirmação é uma atividade cerebral. Isto induz a acreditar que sobre o efeito de medicamentos ou drogas essa afirmação pode deixar de ser verdadeira e tornar-se falsa. No momento não há meios suficientes para conjecturar com bases sólidas a redução ou eliminação do mental ao físico.

Acredita-se, também, que o problema que cerca a Inteligência Artificial é o pressuposto de que a vida mental pode ser reduzida a uma vida artificial. Por mais que máquinas ou robôs simulem comportamentos inteligentes sempre será uma simulação. Por mais que um robô consiga falar algumas palavras como “Olá”, isto não induz ao fato de ter consciência do que se fala. O ser humano consegue por meio de sua mente sobrepor por sua consciência a Inteligência Artificial.

Em meio a estas teorias que estudaram a mente humana colocamos a Filosofia Clínica. Um estudo consistente sobre a mente humana pode ajudar a compreender o ser humano. Quando o partilhante fala sempre fala daquilo que está em sua mente. Acredita-se que para melhor entender a mente humana ou a pessoa requer ter formulado uma ideia sobre a mente e a pessoa. Como cada ser se revela de forma única em alguns casos que ultrapassem os limites da Filosofia clínica, por supostos problemas mentais, o partilhante, por questões de ética, deverá ser encaminhado para outro profissional que o consiga ajudar.

Por fim, acredita-se que a filosofia clínica possa contribuir com os estudos filosóficos sobre a mente humana. Dentro de seu método de abordagem é possível construir uma análise da mente humana que venha contribuir com as teorias que estão surgindo no meio acadêmico. Se conseguisse analisar a mente subjetiva, em seus estados subjetivos, a filosofia clínica contribuiria de forma positiva para a compreensão da subjetividade de cada pessoa. A Filosofia Clínica, acredita-se, se enquadra melhor na percepção dos *qualias* e da consciência.

REFLECTIONS ON THE MIND CONCEPT AND PHILOSOPHY CLINIC

ABSTRACT

In modernity, sec. XVII, Descartes believed that the human mind was a completely different thinking reality of the body. The Cartesian view raised several issues that have gained answers Neuroscience. Materialist theories, based on brain science,

sought arguments to identify the mind with the brain or reduce and even eliminate the mental jargon. In the twentieth century a point of view of the interface between the substance dualism and materialism was the property dualism. For these intermediate mind emerges from brain, but is not limited to it. Understanding intelligence as syntactic process, Artificial Intelligence understand the mind as a software (program) that served as a hardware (computer). The functionalist position proved to be untenable because human language is semantic and syntactic not. Already the connectionist, even in view of Artificial Intelligence, sought in artificial networks reproduce interneuronal connections in order to reproduce the human mind. But the major drawback was playing mental images. Obstacle tried to be overcome by robotics. Robots constructed in order to simulate human behavior. In our times the attempt is the union between man and machine. Clinic philosophy can serve these studies of the human mind in the very understanding of the difficulties involving the human person.

Key words: Dualism of substance, dualism of property, materialism, mind and Artificial Intelligence.

REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, N. Dicionário de Filosofia. São Paulo: Martins fontes, 2007.
- AYUB. Monica. *Como ler a Filosofia Clínica? Prática da autonomia do pensamento.* São Paulo: Paulus, 2010.
- AYUB. M. *Para entender Filosofia Clínica: o apaixonante exercício do filosofar.* Rio de Janeiro: Wak, 2004.
- COSTA, C. Coleção passo-a-passo: filosofia da mente. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005
- DESCARTES, R. Discurso do Método: Meditações. São Paulo: Marin Claret, 2008
- GUYTON, A. C. Fisiologia Humana. São Paulo: Guanabara, 1999
- MONDIN, Batista. *O Homem quem é ele? Elementos de Antropologia filosófica.* São Paulo: Paulinas, 1986
- PACKTER, L. *Filosofia Clínica: a filosofia no hospital e no consultório.* São Paulo: All Print Editora, 2008
- SEARLE, J. R. O mistério da consciência. São Paulo: Paz e Terra, 1998
- Scientific American* Brasil Ano 08, n. 25, Ed. Duetto, Abril de 2010, p. 03
- TEIXEIRA, João de Fernandes. Como ler a Filosofia da mente. São Paulo: Paulus, 2008
- _____. *Mentes, Cérebro e cognição.* Rio de Janeiro: Vozes, 2000